



(RE)POSTAR É PERFORMAR: ANÁLISE DISCURSIVA DOS SENTIDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA REDE X¹

Ricardo Mattuella²

Anderson Lins³

A linguagem digital, enquanto prática discursiva presente no ciberespaço, constitui um espaço propício para a circulação e atualização de sentidos. Conforme Lévy (2010), o ciberespaço é um ambiente digital de comunicação que facilita a dimensão de informações e interconexão entre usuários, o que proporciona múltiplas oportunidades de atualização do real (imediato). A rede digital engloba diferentes formas de linguagem, possibilitando um ambiente digital dinâmico e em constante transformação de acordo com o algoritmo e preferências do usuário.

Este estudo objetiva analisar, nas condições de produção da rede social X, como as expressões “maceta”, “fecho”, “bafora”, “jurou”, “serve” e “old” significam e tensionam um suposto processo de (des)estabilização dos sentidos de gênero e sexualidade. Assim, delimitamos como objetivos: i) verificar a recorrência e a regularidade dos sentidos dessas expressões na rede X; ii) analisar seus sentidos em diferentes funcionamentos; iii) entender de que forma a imbricação entre o material verbal e visual se relaciona na composição dos sentidos. Dentre os espaços digitais, destacamos a rede social X como um espaço de discursividade em que tais expressões circulam com recorrência, não apenas como marcas linguísticas, mas como dispositivos de subjetivação. Aliás, Paveau (2021) reconhece as postagens da rede social X como tecnodiscursos — enunciados co-construídos entre linguagem, máquina e sujeito — da qual a circulação e significação são mediadas por algoritmos, interfaces e formatos específicos do ambiente digital.

Ao escolher a rede X optamos por selecionar postagens e repostagens que utilizam as expressões que constituem interesse da pesquisa. A pesquisa fundamenta-se em um dispositivo teórico analítico da Análise de Discurso conforme os estudos de Eni Orlandi (1999), Michel Pêcheux ([1995] 2009, [1969] 1990) e Lagazzi (2009). Além disso, alinha-se aos estudos sobre ciberespaço e AD digital a partir de Lévy (2010); Paveau ([2017] 2021); e aos trabalhos que conectam gênero Butler (2016) e gênero e discurso Lins (2021); bem como às contribuições de Foucault (2014) para os estudos da sexualidade.

¹ Trecho de um recorte ampliado da pesquisa de mestrado atualmente em andamento, ainda em fase de desenvolvimento.

² Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2024). Mestrando no PPGL-Linguagens e representações/Uesc. Ilhéus/BA.

³ Professor Adjunto de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atua no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2021) e Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2015).



Gestos analíticos iniciais

A seguir, apresento apontamentos iniciais das análises em desenvolvimento. Trata-se de um recorte da minha dissertação de mestrado (em andamento), com foco na expressão 'fecho', considerando que o funcionamento discursivo da palavra se altera a partir das condições de produção e das relações de sentido que se estabelecem.

Figura 1 – O fecho da Mother Monster



Fonte: https://x.com/pet_da_gagastatus/1751116808289927649. Acesso em: 27 de maio de 2025

A SD1 analisada mobiliza efeitos de sentidos pré-construídos. O post inicial, publicado por um portal de cultura pop, mostra uma evangélica reagindo negativamente ao videoclipe de “Abracadabra” da cantora pop Lady Gaga. Na legenda, destaca-se a frase dita pela mulher “Sangue de Jesus tem poder”. Um fã da Lady Gaga reposta esse conteúdo comentando: SD1: “Ela tá com inveja que a Gaga voltou e Jesus Cristo não kkkk fecha muito, mãezinha.”

Conforme Pêcheux (1995), os sentidos não existem de forma autônoma ou natural, mas como efeitos de processos discursivos interpelados por relações ideológicas e históricas. Nesse funcionamento, a expressão “fecha” não aciona um sentido mais previsível e convencional de “fechar”, mas desloca-se para



um uso discursivo vinculado à cultura pop e à comunidade LGBTQIA+, produzindo sentidos de potência, impacto e irreverência.

Esse processo é possível porque, segundo Fontana e Cestari (2024, p. 168) “a memória discursiva é o espaço dos efeitos de sentido que constituem para o sujeito sua realidade, enquanto representação imaginária (e necessária) da sua relação com o real histórico no qual ele está inserido”. Assim, o deslocamento do significante “fecho” permite entender o funcionamento ideológico da linguagem, mostrando como os sentidos são (re)atualizados e disputados no interdiscurso.

Ao dizer “a Gaga voltou e Jesus Cristo não”, o enunciador aciona saberes históricos presentes no interdiscurso religioso. O discurso religioso que é sempre retomado sobre “a vinda de Jesus está próxima”, “Jesus está voltando”. Esse efeito de “já dito”, segundo Pêcheux (1995), corresponde ao “sempre-já-aí”, isto é, àquilo que está pressuposto, já formulado ou já dado no intradiscurso. O próprio riso que pode emergir da leitura do enunciado é significado por esse efeito, permitindo a compreensão e a produção de sentidos para sujeitos interpelados por essa memória discursiva.

Observa-se também um outro atravessamento da memória discursiva religiosa, acionada pela comparação entre a volta de Gaga e a esperada volta de Jesus. Essa relação produz um efeito de ironia decorrente do embate entre formações discursivas distintas, marcadas por memórias históricas e ideológicas. O preconceito e a discriminação contra a comunidade LGBTQIAPN+ sempre estiveram presentes na formação discursiva religiosa.

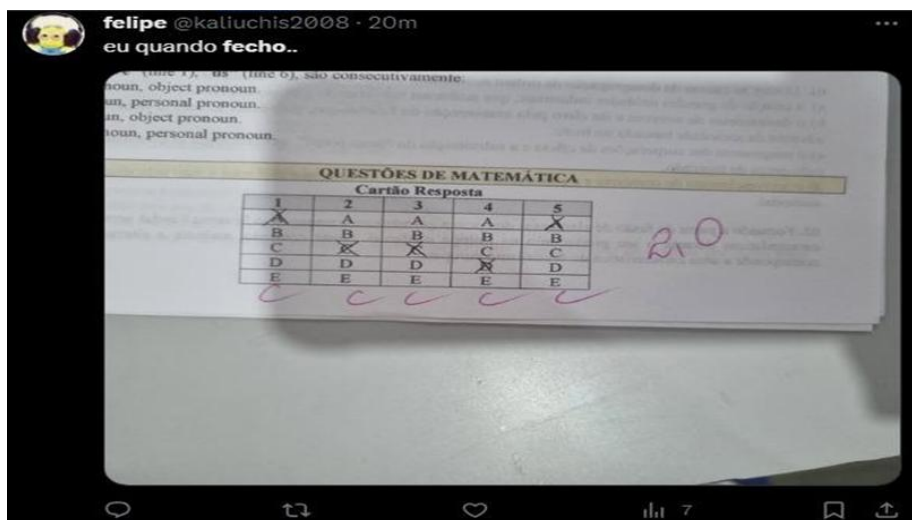
Esse atravessamento permite compreender que a posição-sujeito enunciativa, mesmo ao ironizar, é interpelada por memórias do cristianismo, indicando que, dentro de uma formação discursiva, há a possibilidade de tensionamentos entre formações discursivas. Conforme Orlandi (1999), a contradição presente na sociedade atual e na forma-sujeito histórica leva o sujeito a alimentar a falsa impressão de estar fora da formação discursiva à qual se opõe. Essa contradição, segundo a autora, faz do sujeito alguém livre, mas ainda assim submisso, coexistindo em ambas. Assim, enquanto o sujeito performa resistência e uma outra identificação, permanece atravessado por disputas e contradições ideológicas que historicamente também atuaram na sua exclusão.

Desse modo, o funcionamento da expressão “fecho” atualiza sentidos dentro de uma rede de interdiscursos que se desloca, se movimenta e (re)significa, revelando a instabilidade do dizer e os efeitos ideológicos que o sustentam.

Diante da análise realizada, há aí um processo de significação de outros sentidos arregimentados pelo signo “fecho”, distanciando-se, assim, da significação convencionalizada. Assim, podemos estabelecer uma relação com outros usos de fecho, como se pode ver na próxima postagem.



Figura 2 – Fechei, gabaritei



Fonte: https://x.com/_felipeszn/status/1729809803713675421. Acesso em: 10 de maio de 2024.

A postagem feita pelo usuário @kaliuchis2008 remete a um discurso pedagógico, uma vez que a imagem que a compõe ilustra um gabarito da disciplina de matemática, apontando que o sujeito do enunciado acertou todas as questões, obtendo a nota máxima. Em relação à SD2 “eu quando fecho”, sintaticamente, identifica-se um sujeito “eu”, um advérbio de tempo “quando”, e uma elipse em relação ao núcleo do predicado dessa oração, “fecho”. Essa falta, de acordo com Ernst-Pereira (2009, p. 4), “se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados”. Ou seja, uma falta do complemento para a oração principal cria a incompletude linguística, suscitando a questão: fecho o quê?

Ao considerar conjuntamente a materialidade verbal e a visual da postagem, pode-se observar que o sentido de *fechar* não se completa no enunciado, mas se constitui na composição com a imagem. Assim, ao dizer “eu quando fecho”, o enunciado não apresenta um complemento explícito nem um sentido acabado em si; a verbalização funciona na incompletude própria do discurso e demanda o visual para que certos efeitos de sentido se constituam. Segundo Lagazzi (2009) é na imbricação entre as duas materialidades, e não em uma relação de mera complementaridade, que se produz a interpretação de que “fechar” remete ao sujeito ter acertado todas as questões da prova: a imagem opera como recorte que desloca e reorganiza os sentidos possíveis, reclamando, junto ao verbal, a significação. Para aprofundar a compreensão dessas possibilidades outras de significar e explicitar como o funcionamento produz diferentes efeitos de sentido, apresento a seguir um conjunto de paráfrases possíveis, que tornam visíveis essa mobilização no enunciado.

- P1: “Eu quando arraso”;
- P2: “Eu quando me dou bem”;
- P3: “Eu quando lacro”;
- P4: “Eu quando acerto todas as questões”.



A ligação entre o linguístico e visual, o verbal e o não verbal, como mencionado anteriormente, produz um complemento entre si. Lagazzi (2009) defende que essas distintas materialidades se ligam por meio da contradição, cada uma mobilizando o que falta na outra. Esse processo relaciona o verbal ao visual contribuindo para um efeito de reforço, retorno remissivo entre o verbal e visual (verbo-visual) e os sentidos polissêmicos de “fecho”.

No que diz respeito aos tensionamentos de sentido relacionados às questões de gênero e sexualidade e à inscrição do sujeito em uma formação discursiva da diversidade, é possível aproximar o funcionamento da SD das formas de dizer que circulam nas condições de produção da comunidade LGBTQIAPN+, especialmente em práticas como o Pajubá, o vogue e os Ballroom. No Pajubá, “fecho” mantém filiações com a própria ideia de “fechação”, com gestualidades características do vogue e com a performatividade do abrir e fechar o leque — marcas que constituem uma memória discursiva compartilhada. Ademais, certas comunidades pajubeiras estabilizam sentidos específicos para o termo, o que pode ser observado em glossários que registram acepções já consolidadas de “fecho”. Esses atravessamentos permitem compreender que o uso contemporâneo da expressão reinscreve e atualiza uma rede histórica de significação.

Nos dois recortes, *fecho* mobiliza sentidos que se deslocam conforme as condições de produção que os sustentam: na SD1, o verbo se inscreve na memória discursiva da cultura pop, onde é reatualizado como marcador de potência e afirmação identitária, funcionando na lógica performativa que caracteriza esse espaço de circulação. Já na SD2, o mesmo significante é reinscrito em outras condições de produção acionando sentidos de completude e acerto que só se estabilizam pela composição verbo-visual. Esse contraponto possibilita compreender que *fecho* não funciona como unidade semântica estável, mas como significante cujo sentido se produz no entrecruzamento de memórias heterogêneas e condições de produção distintas.

REFERÊNCIAS

- ERNST-PEREIRA, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 24 out. 2025
- FONTANA, Mónica G. Zoppi; CESTARI, Mariana Jafet. “Cara de empregada doméstica”: Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. **RUA**, Campinas, v. 20, p. 167-185, 2015. DOI: 10.20396/rua.v20i0.8638265.
- LAGAZZI, S. O recorte significativo na memória. In: INDURSKY, M. C. L. Ferreira; MITTMANN, S. (org.). **O Discurso na Contemporaneidade: Materialidades e Fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes, 2021.



PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Trad. Eni P.Orlandi. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161. [Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969].

PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.